

O PONTO DE EXPLOÇÃO DA IDEOLOGIA NA CHINA

ATÉ OS FIZ CASTRAR
PARA QUE PRODUZISSEM
MAIS...



LISTA B

INTRODUÇÃO

1º Ponto- Ao editarmos um texto de proveniência I.S., não pretendemos fazer uma profissão de fé situacionista. É preciso que fique claro que editamos este texto pela actualidade que conservam as análises nele contidas.

2º Ponto - O tempo vai-se encarregando de revelar a verdadeira natureza da sociedade chinesa (Capitalismo burocrático de Estado). Sob este aspecto, as contradições do capitalismo chinês são mais funestas para a ideologia maoísta que as mais profundas análises teóricas.

3º Ponto - O florescimento de ideologias como o trotskismo e o conselhismo prova que existe uma crise de consciência dos "burocratas radicalistas", que pressentindo a próxima condenação histórica do maoísmo, se refugiam numa ideologia de substituição.

Ponto Final - Reeditando este texto, temos consciência que aprofundamos o descrédito que corroi já a ideologia na sua variante maoísta e que contribuímos para limitar a margem de manobra de correntes ideológicas que só aparentemente representam uma alternativa radical,

O PONTO DE EXPLOÇÃO DA IDEOLOGIA NA CHINA

I

A dissolução da associação internacional das burocracias totalitárias é agora um facto consumado.

Retomando os termos do "Adresso" publicado pelos situacionistas em Argel em Julho de 1965, a irreversível "ruína da imagem revolucionária" que a "mentira burocrática" opunha ao conjunto da sociedade capitalista, como uma pseudo-negação e como seu sustentáculo efectivo, tornou-se patente, e primeiro que tudo no terreno onde o capitalismo oficial tinha o maior interesse em sustentar a impostura do seu adversário: no afrontamento global da burguesia e do pretensso "campo socialista". A despeito de toda a espécie de tentativas de recomposição, aquilo que já não era socialista deixou de ser um campo.

A pulverização do monolitismo stalinista manifesta-se agora na coexistência duma vintena de "linhas" independentes, da Roménia a Cuba, da Itália ao bloco dos partidos vietnamiano-coreano-japoneses. A Rússia, incapaz mesmo de reunir este ano uma conferência comum de todos os partidos europeus, prefere esquecer a época em que riñava sobre o Komintern. É assim que as "Izvestias" em Setembro de 1966, podiam censurar os dirigentes chineses por lançarem um descrédito sem precedentes sobre as ideias "marxistas-leninistas", e deploravam virtuosamente esse estilo de confrontação "onde se substituíam por injúrias uma troca de opiniões e de experiências revolucionárias. Aquelles que escolhendo essa via conferem à sua própria experiência um valor absoluto, fazem prova na interpretação da teoria marxista-leninista, dum espírito dogmático e sectário. Uma tal atitude está necessariamente ligada à ingerência nos assuntos internos dos partidos irmãos..." A polémica russo-chinesa, onde cada potência é conduzida a imputar ao seu adversário todos os crimes anti-proletários, ficando unicamente obrigada a não fazer menção da lacuna real que é o poder de classe da burocracia, deve portanto concluir-se por esta visão desenganada, de que aquilo que não terá sido mais que uma inexplicável miragem revolucionária recaiu à falta doutra realidade no seu velho ponto de partida. A simplicidade deste retorno às origens foi perfeitamente exposta em Fevereiro em Nova-Deli, quando a embaixada da China qualificava Brejnev e Kossiguine de "novos czars do Kremlin", enquanto o governo indiano, aliado anti-chinês daquela Moscóvia, descobria simultaneamente que "os senhores actuais da China envergaram o manto imperial dos Mandchous".

Este argumento contra a nova dinastia chinesa foi ainda mais requintado no mês seguinte em Moscovo, por Voznessenski, o poeta modernista de Estado, que "presente Koutchoum" e suas hordes; e que apenas conta com a "Rússia eterna" para fazer uma muralha contra os Mongois que ameaçam acampar entre "as joias egípcias do Louvre". A decomposição acelerada da ideologia burocrática, tão evidente nos países onde o stalinismo se apoderou do poder, como nos outros - onde toda a possibilidade de o agarrar - devia naturalmente começar pelo capítulo do internacionalismo, mas isso é apenas o começo duma dissolução geral ininterrupta.

O internacionalismo apenas poia caber na burocracia enquanto proclamação ilusória ao serviço dos seus interesses reais, como uma justificação ideológica entre outras, dado que a sociedade burocrática é precisamente o mundo invertido da comunidade proletária. A burocracia é essencialmente um poder estabelecido sobre a posse estatal nacional, e é à lógica da sua realidade, que ela deve finalmente obedecer, segundo os interesses particulares que impõe o desenvolvimento do país que ela possui. A sua época Heroica passou com o feliz tempo ideológico do "socialismo num só país", que Staline teve a prudência de manter destruindo as revoluções tanto na China como na Espanha de 1927 a 1937. A revolução burocrática autónoma na China - como já um pouco antes na Jugoslávia - introduziu na unidade do mundo burocrático um germe de dissolução que o desconjuntou em menos de vinte anos. O processo geral de decomposição ideológica burocrática atinge neste momento o seu estado supremo, precisamente no país, onde devido ao atraso geral da economia, a pretensão ideológica revolucionária subsistente devia ser impulsionada até ao máximo, lá onde aquela ideologia era mais necessária: na China.

II

A crise cada vez maior que se desenvolveu na China a partir da Primavera de 1966, constitui um fenómeno sem precedentes na sociedade burocrática. Não oferece dúvida que ~~xx~~ a classe dominante do capitalismo burocrático de Estado, exercendo normalmente o terror sobre a maioria explorada, se encontrou a si própria frequentemente atingida tanto na Rússia como na Europa de Leste, por afrontamentos e ajustes de contas, resultantes tanto das dificuldades objectivas que encontrou, como do estilo subjectivamente delirante que o poder totalmente enganador se é obrigado a revestir. Como sempre, a burocracia, cujo modo de apropriação a obriga a ser centralizada, porque precisa tirar de si própria a garantia hierárquica de toda a participação na sua apropriação do subproduto social, se depurou a partir do topo. É preciso que o topo da burocracia continue fixo porque é nele que repousa toda a legitimidade do sistema. Ele deve guardar para si as suas cisões (foi essa a sua prática constante desde os tempos de Lenine e Trotsky), e se os homens aí podem ser abatidos ou mudados, a função deve sempre permanecer majestosamente indiscutível. A repressão sem explicação e sem réplica pode em seguida descer normalmente a cada escalão do aparelho, como simples complemento daquilo que foi instantaneamente definido no topo. Béria tinha de ser primeiramente morto e depois julgado; então pode perseguir-se a sua facção, onde não importa quem, porque o poder que abate, abatendo define à vontade a facção e pelo mesmo gesto se redefine a si próprio como poder. Eis tudo o que faltou na China onde a permanência de adversários proclamados a despeito do fantástico aumento da competição na luta pela totalidade do poder, mostra claramente que a classe dominante se cindiu em duas.

III

Um acidente social dum tal amplitude, não pode evidentemente ser explicado no gosto anedótico dos observadores burgueses por cisões baseadas numa estratégia exterior: é além do mais notório como a burocracia chinesa suporta pacificamente a afronta que constitui à sua porta o esmagamento do Vietname. Além disso, as querelas pessoais de sucessão não teriam conduzido a tais golpes de teatro. Quando certos dirigentes se vêm inculcados de terem "afastado Mao Tse-Toung do poder" depois de acabados os anos 50, tudo leva a crer que se trata aí dum desses crimes retrospectivos correntemente fabricados pelas depurações burocráticas - Trotsky conduzindo a guerra civil por ordem de Mikado, Zinoviev secundando Lenine para agradar ao império britânico, etc.. Aquela que tivesse afastado do poder uma personagem tão poderosa como Mao, nunca mais dormiria enquanto Mao pudesse voltar. Mao seria pois morto nesse dia, e nada teria impedido os seus fieis sucessores de atribuir essa morte por exemplo a Krouchtchev. Se certamente os governantes e polémicos dos estados burocráticos compreendem muito melhor a crise chinesa, as suas declarações não podem em face disso ser mais sérias, dado que ~~xx~~ devem recear, falando da China, revelar demasiado sobre si próprios. São finalmente os resíduos esquerdistas dos países ocidentais, sempre voluntários para serem logrados por toda a espécie de propagandas mal cheirosas sub-leninistas, que são capazes de se enganarem mais facilmente que quaisquer outros, avaliando gravemente o papel na sociedade chinesa dos vestígios da renda conservada aos capitalistas unidos, ou então procurando neste conflito, qual o líder que representaria o es-

querdismo ou a autonomia operária. Os mais estúpidos acreditaram que haveria qualquer coisa de " cultural " nesta questão, até que em Janeiro a imprensa maoísta teve o mau gosto de confessar que tinha sido " desde o início uma luta pelo poder". O único debate sério consiste em examinar porquê e como a classe dominante pode dividir-se em dois campos hostis; e toda a busca nesse sentido encontra-se como é óbvio interdita àqueles que não admitem que a burocracia é uma classe dominante ou que ignorem a especificidade dessa classe e a reduzem às condições clássicas do poder burguês.

IV

Sobre o porquê da ruptura no interior da burocracia, pode dizer-se unicamente e com certeza, que é uma questão tal que punha em jogo a própria dominação da classe dominante, dado que para resolver, os dois lados solidamente obstinados não temeram arriscar aquilo que é o poder comum da sua classe; PANDO. EM. PERIGO as condições existentes da sua administração da sociedade. A classe dominante devia pois estar convencida que não podia governar como anteriormente. Seguramente este conflito apoiava-se na gestão da economia. O afundamento das sucessivas políticas económicas da burocracia é a causa da acuidade extrema do conflito. O malogro da política dita do " Grande Salto em Frente" - principalmente devido à resistência do campesinato - não somente fechou a perspectiva dum arranque ultra voluntarista da produção industrial, como conduziu a uma desorganização desastrosa, sensível por vários anos. Mesmo o aumento da produção agrícola depois de 1958 parece muito fraco e a taxa de aumento populacional continua superior à das subsistências. É mais difícil dizer sobre quais opções económicas precisas a classe dominante se cindiu. Provavelmente um lado, (compreendendo a maioria do aparelho do partido, responsáveis dos sindicatos e economistas) queria prosseguir ou aumentar mais ou menos consideravelmente a produção de bens de consumo, sustentar por estimulantes económicos o esforço dos trabalhadores, implicando essa política ao mesmo tempo que certas concessões aos camponeses e sobretudo aos operários, o aumento dum consumo hierárquicamente diferenciado numa larga base da burocracia. O outro lado, (compreendendo Mao e uma larga parte dos quadros superiores do exército) queria sem dúvida uma aceleração, não importando a que preço, no esforço para industrializar o país, um recorrer ainda mais extremo à energia ideológica e ao terror, à sobre-exploração sem limite dos trabalhadores e talvez ao sacrifício "igualitário" no consumo, duma camada notável da burocracia inferior. As duas posições são igualmente orientadas para a manutenção da dominação absoluta da burocracia, e calculadas em função da necessidade de fazer frente à luta de classes que ameaça essa dominação. Em todo o caso, a urgência e o carácter vital desta escolha eram para todos tão evidentes que os dois campos acreditaram dever correr o risco de agravar imediatamente o conjunto das condições nas quais se encontravam colocados, pela desordem da sua cisão. É muito possível que a obstinação tanto dum lado como doutro, se encontre justificada pelo facto de não haver solução correcta para os insuperáveis problemas da burocracia chinesa, sendo portanto as duas opções que se afrontam igualmente inaplicáveis, ao mesmo tempo que era necessário escolher.

V

Quanto ao saber como uma divisão no topo da burocracia pode descer de recurso em recurso para os níveis inferiores, recriando em todos os escalões afrontamentos teleguiados de sentido inverso, em todo o aparelho do partido e do estado, e finalmente nas massas, seria sem dúvida necessário ter em conta reminiscências do velho modelo de administração da China por províncias, tendo ^{em} para uma semi-autonomia. A denuncia dos " reinos independentes" lançada em Janeiro pelos maoístas de Pequim, evoca nitidamente esse facto, e o desenvolvimento dos tumultos nos últimos meses confirma-o. É muito possível que o fenómeno da autonomia regional do poder burocrático, que após a contra-revolução russa se não manifestara senão fraca e episódicamente em volta da organização de Leninegrado, tenha encontrado na China burocrática bases múltiplas e sólidas, traduzindo-se pela possibilidade de uma coexistência no governo Central, de clãs e clientelas detendo em propriedade directa regiões inteiras do poder burocrático e passando entre si compromissos nessa base. O poder burocrático na China não nasceu dum movimento operário, mas sim dum enquadramento militar dos camponeses, ao longo duma guerra de vinte e dois anos. O exército permaneceu imbricado no partido, do qual todos os dirigentes foram chefes militares, tendo ficado para o partido a principal escola de selecção das massas camponesas que educa. Parece por outro lado, que a administração local colocada em 1949, foi fortemente contri- buinte de zonas de passagem dos diferentes corpos do exército, que descendo do norte

a sul iam deixando na sua esteira homens que lhe estavam ligados pela origem regional ou familiar (factor de consolidação das cliques burocráticas, que a propaganda contra Liu Shao-chi e outros trouxe à luz do dia). Tais bases locais com um poder semi-autónomo na administração estatal teriam portanto podido formar-se na China, por combinação das estruturas organizativas da exército conquistador e das forças produtivas que ele procurava controlar no país conquistado.

VII

Quando a tendência de Mao começou a sua ofensiva pública contra as posições sólidas dos seus adversários, fazendo com que reunidas em brigadas marchassem as crianças das escolas e os estudantes, não visava imediatamente nenhuma espécie de reforma "cultural" ou "civilizadora" das massas trabalhadoras, já perseguidas ao mais alto grau pela canga ideológica do regime. As parvoíces contra Beethoven ou a arte Ming, da mesma forma que as invectivas contra as posições ainda ocupadas ou já reconquistadas por uma burguesia chinesa manifestamente humilhada enquanto tal, não eram apresentadas senão para entreter os circunstanciais e não sem calcular que esse esquerdismo sumário poderia encontrar um certo eco entre os oprimidos, que tem algumas razões para pensar que existem ainda entre eles vários obstáculos ao advento duma sociedade sem classes. O fim principal da operação era fazer aparecer na rua, ao serviço desta tendência, a ideologia do regime, que é por definição maoísta. Os adversários não podendo ser eles próprios outra coisa senão maoístas, encontravam-se colocados de repente em desagradável postura, devido ao desencadeamento dessa maldosa contenda. Eis a razão porque as suas "auto-críticas" insuficientes podem exprimir de facto a sua resolução de permanecer nos postos que controlam. Podemos pois qualificar a primeira fase da luta, como um afrontamento dos proprietários oficiais da ideologia contra a maioria dos proprietários do aparelho da economia e do estado. Contudo, a burocracia, para manter a sua apropriação colectiva da sociedade, tem necessidade tanto da ideologia como do aparelho administrativo e repressivo; deste modo a aventura duma tal separação era extremamente perigosa se não terminasse a curto prazo. Sabe-se que a maioria do aparelho e Liu Shao-chi em pessoa, apesar da sua posição crítica em Pequim, resistiram obstinadamente. Depois da sua primeira tentativa de bloquear a agitação maoísta na fase universitária, onde "grupos de trabalho" tinham tomado sentido oposto ao seu, esta agitação estendeu-se à rua em todas as grandes cidades, e por todo o lado começou a atacar pelos jornais de parede e acção directa, os responsáveis que lhe eram designados - não excluindo isso os excessos de zelo. Esses responsáveis organizaram a resistência por toda a parte onde puderam. As primeiras escaramuças entre operários e "guardas vermelhos" devem ter sido conduzidas pelos activistas do partido, nas fábricas à disposição dos notáveis locais do aparelho. Em breve os operários exasperados pelos excessos dos guardas vermelhos, começaram a intervir autónomamente. Em todos os casos onde os maoístas falharam de "estender a revolução cultural" às fábricas e depois aos campos deram a perceber decidiram uma mudança de tática, consequência do controle da situação lhes haver escapado a despeito dos seus planos durante todo o Outono de 1966. A queda da produção industrial, a desorganização dos transportes, da irrigação e da administração estatal até ao nível dos ministérios, (apesar dos esforços de Chu-en-lai) as ameaças que pesavam sobre as colheitas do Outono e da Primavera, a interrupção completa do ensino - particularmente grave num país subdesenvolvido - durante mais dum ano, tudo isso não foi mais que o inevitável resultado duma luta cuja extensão foi unicamente devida à resistência daquela parte da burocracia no poder, que se tratava para os maoístas de fazer ceder.

VIII

Os maoístas, cuja experiência política não estava ainda ligada às lutas em meio urbano, terão tido ocasião de verificar o preceito de Maquiavel:

"Cautela ao excitar uma revolução numa cidade alimentando a esperança de a poder parar ou dirigir segundo a sua vontade" - HISTÓRIAS FLORENTINAS

Após alguns meses de pseudo-revolução pseudo-cultural, é a luta de classes real que apareceu na China, com os operários e camponeses começando a agir por conta própria. Os operários não podem ignorar o que significa para eles a perspectiva maoísta; os camponeses que veem ameaçado o seu torrão individual começam em várias províncias a repartir as terras e o material das "comunidades populares" - estas não sendo mais que o novo disfarce ideológico das unidades administrativas pré-existentes, reocupando geralmente os antigos cantões. As greves

dos caminhos de ferro, a greve geral de Xangai-- qualificada de arma privilegiada dos capitalistas, como em Budapeste-- as greves da grande aglomeração industrial de Wuhan, de Cantão, do Hupeh, dos metalúrgicos e dos operários têxteis em Chungking, os ataques dos camponeses de Szachwan e de Fukien culminaram no mês de Janeiro pondo a China à beira do caos. Ao mesmo tempo, seguindo as pisadas dos operários organizados em "guardas púrpureas" no Kwangsi desde Setembro de 1966 para combater os guardas vermelhos, e depois das insurreições anti-maoístas de Nankim, "exercitos" constituem-se em diferentes províncias, como o "exercito do 1º de Agosto" no Kwangtung. O exercito nacional teve de intervir em toda a parte em Fevereiro-Março para submeter os trabalhadores, dirigir a produção pelo "controle militar" das fábricas, e mesmo apoiado pela milicia controlaram os trabalhos dos campos. A luta dos operários para manter ou aumentar o seu salário, a famosa tendencia para o "economismo" maldita pelos patrões de pequim, pôde ser aceite e mesmo encorajada, por certos quadros locais do aparelho, na sua resistencia aos burocratas maoístas rivais. Mas é certo que a luta era conduzida por uma irresistível corrente de base operária: a dissolução autoritária em Março das "associações profissionais" que se formaram depois da 1ª dissolução dos sindicatos cuja burocracia escapava à linha maoista, mostra-o muito bem; "É assim que o Jiefang Ribao condenava em Xangai em Março, "a tendencia destas ASSOCIAÇÕES formadas não sobre a base de classe"... (notar que a qualidade que define esta base de classe é o puro monopólio do poder maoista)... mas sim por profissões, e tendo como objectivos de luta os interesses parciais e imediatos dos operários exorcendo essas profissões". Esta defesa dos verdadeiros possuidores dos interesses gerais e permanentes da colectividade, tinha sido também nitidamente exprimida em 11 de Fevereiro, por uma directiva do Conselho de Estado e da Comissão militar do Comité Central: "Todos os elementos que apanharam ou roubaram armas, devem ser presos."

VIII

No momento em que o regulamento deste conflito, que produziu evidentemente mortos às dezenas de milhar, opondo grandes unidades militares com todo o seu equipamento e até navios de guerra, foi confiado ao exercito chinês, esse exercito encontrava-se a si próprio dividido. Ele devia assegurar o prosseguimento e intensificação da produção num momento em que não estava em estado de assegurar a unidade do poder na China -- por outro lado a sua intervenção contra o campesinato apresentaria grandes riscos dado que o seu recrutamento era essencialmente camponês. A trégua pretendida em Março-Abril pelas maoístas, declarando que todo o pessoal do partido era recuperável, à excepção dum punhado de traidores, e que a principal ameaça é apesar de tudo o "anarquismo", significa, mais que uma inquietação diante da dificuldade de por um travão ao enlouquecimento aparecido na juventude como consequência da experiência dos guardas vermelhos, significa a inquietação essencial de se ter chegado quase que à dissolução da própria classe dirigente. O partido e a administração central e provincial encontram-se nesse momento em decomposição. Trata-se de restabelecer a disciplina no trabalho. "O princípio da exclusão e derrube de todos os quadros deve ser aplicado sem reserva", declara o Bandeira Vermelha em Março. E já em Fevereiro a Nova China: "esmagareis todos os responsáveis... mas quando tomardes o controle dum organismo que tereis nas mãos além duma sala vazia e carimbos?". As reabilitações e os novos compromissos sucedem-se ao acaso. A sobrevivência da burocracia é a causa suprema que deve fazer passar para segundo plano as suas diversas opções políticas como simples meios.

IX

A partir da Primavera de 1967 pode dizer-se que o movimento da "Revolução Cultural" conduziu a um falhanço desastroso, e que este desaire é certamente o maior da longa série de desaires do poder burocrático na China. Em face do custo extraordinário da operação, nenhum dos seus objectivos foi atingido. A burocracia está mais dividida que nunca. O novo poder colocado nas regiões controladas pelos maoístas divide-se por sua vez: "A tripla aliança revolucionária" exercito-guardas vermelhos-partido, não deixa de se decompor, em consequência dos antagonismos entre estas três forças (sobretudo o partido pondo-se à margem ou não entrando nela senão para a sabotar) e em virtude dos antagonismos cada vez maiores no interior de cada uma destas três forças. Parece tão difícil reconstruir o aparelho de Estado como edificar outro. E sobretudo,

pelo menos dois terços da China não estão de forma alguma controlados pelo poder de Pequim

X

Ao lado dos comités governamentais dos partidários de Liu Shao-chi e dos movimentos de luta operária que continuam a afirmar-se, são já os Senhores da Guerra que reaparecem sob o uniforme de generais "comunistas" independentes, tratando directamente com o poder Central e desenvolvendo a sua política própria particularmente nas regiões periféricas. O general Chang-kuo-hua, soberano do Tibete, em Fevereiro, depois de combates de rua em Lhasa, emprega blindados contra os maoístas. Três divisões maoístas são enviadas para "esmagar os revisionistas" que parecem não ter nisso êxito senão moderadamente porque Chang-Kuo-hua controla sempre a região em Abril. No 1º de Maio é recebido em Pequim, e conversações conduzem a um compromisso, dado que ele é encarregado de constituir um Comité revolucionário para governar o Szechwan, onde desde Abril uma "aliança revolucionária" influenciada por um general Hung tinha tomado o poder e aprisionado os maoístas; depois, em Junho, os membros duma Comuna Popular pegaram em armas e atacaram os militares. Na Mongólia Interior o exército pronunciou-se contra Mao a partir de Fevereiro sob a direcção de Liu Chiang, comissário político adjunto. A mesma coisa se passou em Hupeh, em Honan e na Manchúria. No Kansu, em Maio, o general Chao Yung-shih, levou avante um golpe anti-maoista. Sinkiang, onde se encontram as instalações atómicas, foi neutralizado de comum acordo a partir de Março, sob a autoridade do general Wang En-mao; o mesmo é entretanto acusado de aí ter atacado os "revolucionários maoístas" em junho. O Hupeh encontra-se em julho nas mãos do general Chen Tsai-tao, comandante do distrito de Wuhan - um dos mais antigos centros industriais da China. No velho estilo do "incidente do Sião" ele faz prender aí dois dos principais dirigentes de Pequim vindos negociar com ele. O primeiro-ministro teve de fazer a viagem, e anuncia-se como uma "vitória" que ele obteve a restituição dos emissários. Ao mesmo tempo 2400 fábricas e minas encontravam-se paralizadas nesta província, a seguir à insurreição armada de 50.000 operários e camponeses. Por outro lado verifica-se no início do Verão, que o conflito continua em toda a parte: em Junho "operários conservadores de Honan atacaram uma fábrica de fiação a golpes de bombas incendiárias, em Julho a bacia hulhífera de Fushun e os trabalhadores do petróleo em Tashing estão em greve, os mineiros de Kiangsi fazem caça aos maoístas, faz-se apelo contra o "exército industrial do Chekiang" descrito como uma "organização terrorista anti-marxista", os camponeses ameaçam marchar sobre Nanquim e Shanghai, combate-se nas ruas de Cantão e de Chungking, os estudantes de Kweiyang atacam o exército e apoderam-se de dirigentes maoístas. E o governo que decidiu terminar com as violências "nas regiões controladas pelas autoridades centrais", mesmo aí parece ter muito a fazer. Na impossibilidade de parar os tumultos, param-se as informações expulsando-se a maior parte dos raros residentes estrangeiros.

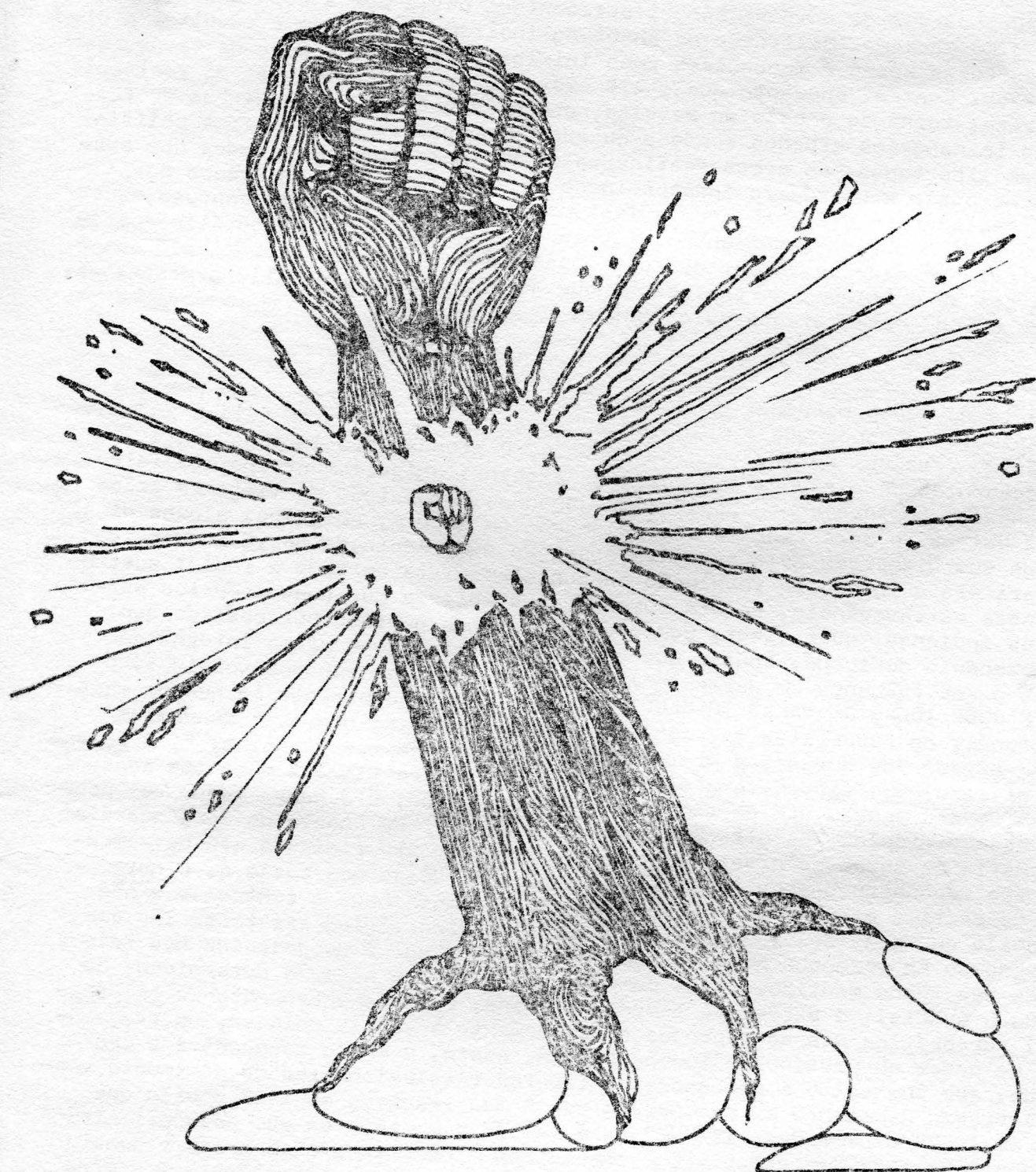
XI

Mas no início de Agosto, a divisão no exército tornou-se de tal forma perigosa que são as próprias publicações de Pequim que revelam que os partidários de Liu Shao-chi querem "levantar um reino independente reaccionário-burguês dentro do exército" e (Diário do Povo de 5 de Agosto) que "os ataques contra a ditadura do proletariado na China vêm não somente dos escalões superiores mas também dos escalões inferiores". Pequim acaba por confessar claramente que pelo menos um terço do exército se pronunciou contra o governo central e que mesmo uma grande parte da Velha China das dezoito províncias lhe escapou. As consequências imediatas do incidente do Wuhan parecem ter sido muito grandes, com uma intervenção dos paraquedistas de Pequim apoiados por 6 canhoelras subindo o yangtze vindas de Xangai sendo repelidas depois de uma batalha campal. Por outro lado as armas dos arsenais de Wuhan teriam sido enviadas aos antimaoístas de chunking. Convém notar que as tropas de wuhan pertenciam ao grupo de exercitos colocados sobre a autoridade de Lin piao, o unico que era considerado seguro. Proximo do meio do mês de Agosto, as lutas armadas generalizaram-se a um tal ponto que o governo maoista acaba por reprovar oficial/ esta forma de continuação da politica, por meios que se voltam contra ele; afirma estar convicto que venceria limitando-se a uma "luta de caneta". Simultanea/ anuncia a distribuição de armas às massas nas "zonas seguras". Mas onde é que se encontrarão tais

zonas? Combate-se de novo em Xangai apresentada havia meses como uma das raras cidadelas do maoísmo. Militares de Shantung incitam camponeses à revolta. A direcção da força aérea é denunciada como inimiga do regime. E como no tempo de Sun Yat-sen, Cantão, enquanto que o 47º exército se movimenta para aí restabelecer a ordem, torna-se o polo da revolta, com os operários dos caminhos de ferro e dos transportes urbanos sendo a guarda avançada: os prisioneiros políticos foram libertados, as armas destinadas ao Vietname foram retiradas dos cargueiros do porto e um número indeterminado de indivíduos foi enforcado nas ruas. É assim que a China se afunda lentamente numa guerra civil confusa, que é por um lado o confronto entre diversas regiões do poder burocrático-estatal desfeito em pedaços, e por outro o choque das reivindicações operárias e camponesas com as condições de exploração que as direcções burocráticas desfeitas, por todo o lado estão dispostas a manter.

XIII

Depois de tanto barulho, as conclusões históricas a tirar deste período são simples. Onde quer que a China agora possa ir, a imagem do último poder burocrático-revolucionário, voou em pedaços. O afundamento interno junta-se aos incessantes desaires da sua política externa: aniquilamento do stalinismo indonésio, ruptura com o stalinismo japonês, destruição do Vietname pelos Estados Unidos, e para finalizar proclamação em Pequim, em julho, alguns dias antes da sua dispersão pela primeira operação da polícia, de que, a insurreição de Naxalbari era o início da revolução camponesa-maoista em toda a Índia: sustentando esta extravagância, Pequim rompeu com a maioria dos seus próprios partidários indianos, quer dizer, com o último grande partido burocrático que lhe permanecia dedicado. Aquilo que está agora patente na crise interna da China, é o seu falhanço em dar-se como modelo aos países subdesenvolvidos. É A NOITE ONDE TODAS AS VACAS IDEOLÓGICAS SÃO NEGRAS. No momento em que na maior confusão, os burocratas se combatem em nome do mesmo dogma, e denunciam em todo o lado "os burgueses protegidos atrás da bandeira vermelha, ", o pensamento dissimulado, cindiu-se a si próprio. É o alegre fim das mentiras ideológicas, o seu lançamento no ridículo. Não é a China, é o nosso mundo que produziu esse ridículo. Nós dissemos no número da I.S. de Agosto de 1961 que ele se tornaria "a todos os níveis sempre mais penosamente ridículo até ao momento da sua reconstrução revolucionária completa". Vê-se que assim é. A nova época da crítica proletária saberá que não tem mais nada a controlar a não ser aquilo que seja dela, e que todo o conforto ideológico existente lhe será arrancado na vergonha e no terror. Descobrimo que é despossuída dos falsos bens do seu mundo mentiroso, ela compreenderá que é a negação determinada da sociedade mundial; e sabê-lo-á também na China. É o desmenbramento da Internacional burocrática que se reproduz neste momento à escala chinesa, na fragmentação do poder em províncias independentes. Assim, a China reencontra o seu passado, que lhe volta a por agora as tarefas revolucionárias do movimento vencido outrora. O momento em que parece que "Mao recomeça em 1967 aquilo que fazia em 1927" (Le Monde, 17/2/67), é também o momento em que pela primeira vez depois de 1927, a intervenção das massas operárias e camponesas rebentou em todo o país. Por muito difíceis que sejam a tomada de consciência e começo de execução dos seus objectivos autónomos, alguma coisa está morta na dominação total que os trabalhadores chineses sofriam. O MANDATO DO CÉU PROLETÁRIO ESTÁ ESGOTADO.



"SEMPRE QUE OUÇO FALAR EM POVO
PENSO NA RASTEIRA QUE QUEREM
PREGAR AO PROLETARIADO."

KARL MARX